



POVOS INDÍGENAS

Pataxós do território Barra Velha têm denunciado que estão cercados há dois meses por fazendeiros da região, no extremo sul baiano. Em protesto, comunidade e familiares bloquearam estrada em direção à cidade de Corumbau, a 750 km de Salvador

Grupo de pistoleiros mata adolescente pataxó na Bahia

» THAYS MARTINS

Índígenas pataxós denunciaram um ataque de pistoleiros que terminou com pelo menos uma pessoa morta na Aldeia Alegria, dentro do território de Barra Velha, entre os municípios de Prado e Porto Seguro, no extremo Sul da Bahia, na madrugada de ontem. Em protesto, comunidade e familiares da vítima bloquearam uma estrada em direção à cidade de Corumbau, a 750 km de Salvador. Os indígenas têm denunciado, desde o fim de junho, estarem cercados por fazendeiros sem poder deixar as comunidades, palcos de constantes conflitos.

Segundo os relatos, os pistoleiros chegaram de carro atirando contra os indígenas que ocupam uma fazenda de eucalipto situada no Território Indígena Comexatiba, na cidade de Prado. Um jovem de 14 anos teria sido morto, baleado com um tiro na cabeça. Gustavo Silva da Conceição, Sarã Pataxó, chegou a ser levado desacordado a uma unidade de saúde no município de Itamarajá, sendo transferido para o Hospital de Teixeira de Freitas, onde foi intubado, mas não resistiu.

O Colégio Estadual Indígena Kijtxawê Zabelê, onde Gustavo estudava, manifestou nota de pesar pela morte. “Neste momento de profunda dor, manifestamos condolência aos familiares e a todo o povo Pataxó.”

O **Correio** entrou em contato com o Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia (Mupoiba), que informou estar acompanhando a situação. Em nota, disseram que o ataque deste domingo “foi praticado por vários homens armados”, vitimando ainda Pablo Yuri da Conceição Cruz, também de 14 anos.

Os suspeitos de cometerem o ataque fugiram e ainda não foram identificados. A Polícia Militar da Bahia e a Fundação Nacional do Índio (Funai) foram procuradas, mas não deram retorno até o fechamento desta edição.

O clima de tensão aumentou na região desde o dia 25 de junho, quando aproximadamente 180 pataxós foram expulsos da Fazenda Brasília — alvo de uma ocupação que fizeram. Segundo os indígenas, o local foi arrendado por posseiros de forma ilegal e

material cedido ao Correio



Gustavo Silva, 14 anos, foi baleado na cabeça e não sobreviveu

está há mais de um mês cercado por fazendeiros e pistoleiros armados. “A partir de então, houve vários ataques aos Pataxó, conforme várias denúncias feitas pelas lideranças, mas sem qualquer

providências por parte dos órgãos públicos de segurança.”

Eles também alegam que a Fazenda, que tem mais de mil hectares, estaria sendo desmatada para ceder lugar a pastagens e

plantações. Apesar de a Fazenda Brasília estar dentro de uma área já demarcada como terra indígena, a homologação do Ministério da Justiça ainda não foi realizada.

O Mupoiba destacou no texto divulgado que “o território tradicional Pataxó teve seu RCID (Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena) publicado em 2015 e, até o presente momento, continua sem qualquer avanço administrativo devido à morosidade do governo federal”.

Barra Velha

O Território Indígena Barra Velha cerca diversas comunidades indígenas que estão ao redor da unidade de conservação do Parque do Monte Pascoal. A área de 9 mil hectares abriga uma população de 2,9 mil indígenas, segundo o Instituto Socioambiental (ISA). A região é conhecida como o primeiro local em que povos indígenas tiveram contatos com homens brancos, quando os portugueses chegaram ao Brasil.

Em julho, uma missão da Defensoria Pública da União – Regional

» Ato pela Amazônia

Índígenas de diversas etnias fizeram, ontem, em São Paulo, um ato em defesa da Floresta Amazônica e demais biomas. O evento, que teve início no parque Augusta e rumou à Avenida Paulista, comemorou o Dia da Amazônia e o Dia Internacional da Mulher Indígena, celebrados hoje. No ato, as indígenas construíram um círculo com plantas e materiais da floresta que formavam os dizeres “Amazônia é Mulher Indígena. Mulher Indígena é Amazônia”.

de Direitos Humanos, em conjunto com o Ministério Público da União, visitou o Território Indígena Barra Velha para escutar as denúncias. Na mesma época, a Federação Indígena das Nações Pataxó e Tupinambá do extremo sul da Bahia (Finpat) solicitou, por meio de um ofício, que as autoridades providenciassem segurança para os indígenas.

INDEPENDÊNCIA

Exposição no Itamaraty celebra Bicentenário

» ROSANA HESSEL

Aproveitando as comemorações do bicentenário da Independência do Brasil, neste 7 de Setembro, o Palácio de Itamaraty recebe, a partir desta quinta-feira, uma exposição aberta ao público que tem como objetivo contar a história do país pela diplomacia durante 200 anos desde o grito do Ipiranga de Dom Pedro I. Compõem a mostra painéis e fotos de documentos raros, como mapas antigos e publicações do acervo do conjunto do Itamaraty no Rio de Janeiro.

Organizada pela Fundação Alexandre Gusmão (Fenag), em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), *Brasil 200 anos — Percursos da diplomacia* conta com 54 painéis com 4,4 metros quadrados, cada um ilustrado com imagens de pinturas — como o esboço do grito, de Pedro Américo, que está pendurado em uma das paredes do último andar da sede da chancelaria brasileira.

O período coberto pela exposição se estende até a transferência do Itamaraty para Brasília, em 1970, uma década após a fundação da nova capital federal. “Muita gente que mora no Rio não sabe que a primeira sede da República foi o Palácio do Itamaraty, antes de sediar a chancelaria”, destaca a responsável pela curadoria da exposição, a presidente da Funag, embaixadora Márcia Loureiro.

O objetivo da exposição, segundo ela, é ressaltar a visão de estadista dos principais personagens da diplomacia brasileira e a contribuição do trabalho diplomático, por mais de dois séculos, para a promoção pacífica dos interesses nacionais, na formação e consolidação das fronteiras, na defesa dos valores da população e da projeção internacional do Brasil. Ela reforça que o mapa do Brasil de hoje está diretamente relacionado com a história da diplomacia no país.

O Brasil tem o seu desenho

atual como resultado de poucas guerras e de muitas negociações feitas pelos principais personagens da história brasileira, como os diplomatas Alexandre Gusmão e José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, respectivamente, o avô e o patrono da diplomacia brasileira, de acordo com a presidente da Fenag. Ambos ganharam notoriedade por negociarem as fronteiras sem a necessidade do uso da força e de armas, mas com diálogo, o que é visto pelos especialistas como um feito heróico já que, desde a Guerra do Paraguai (de 1867 a 1870), não houve conflitos entre os 10 países que fazem divisa com o Brasil.

Patrono estadista

O Barão do Rio Branco tem destaque especial na exposição, porque a Fundação tem um riquíssimo material sobre ele, inclusive uma foto da mesa do estadista abarrotada de papéis. Ao comentar sobre o perfil do patrono da diplomacia brasileira, que evitava conflitos de forma pioneira, a embaixadora ainda cita uma das frases destacadas em um dos painéis da exposição, quando ele expôs motivos sobre o Tratado de Petrópolis, de 1903, que selou o acordo diplomático entre os governos brasileiro e boliviano que anexou o território do Acre ao Brasil: “A combinação em que nenhuma das partes interessadas perde, e, mais ainda, aquelas em que todas ganham serão sempre as melhores”.

“Esse é o espírito do Barão do Rio Branco. Ele pensava como um estadista. Ele não queria massacrar os vizinhos e buscava soluções que deixassem todo mundo satisfeito. Ele tinha uma visão de longo prazo. Tinha noção da importância de construir uma relação amistosa de longo prazo com os vizinhos. E ele tinha essa visão no início do século XX. Acho uma coisa admirável, sinceramente”, analisa Márcia Loureiro,

Maurício Cortes/Divulgação



Mostra traz painéis com 4,4m², cada um ilustrado com imagens de pinturas, e fotos de documentos raros

Serviço

A exposição Brasil 200 anos — Percursos da diplomacia brasileira ficará aberta ao público de 8 de setembro a 15 de novembro, com entrada franca e acessibilidade para pessoas com deficiência.

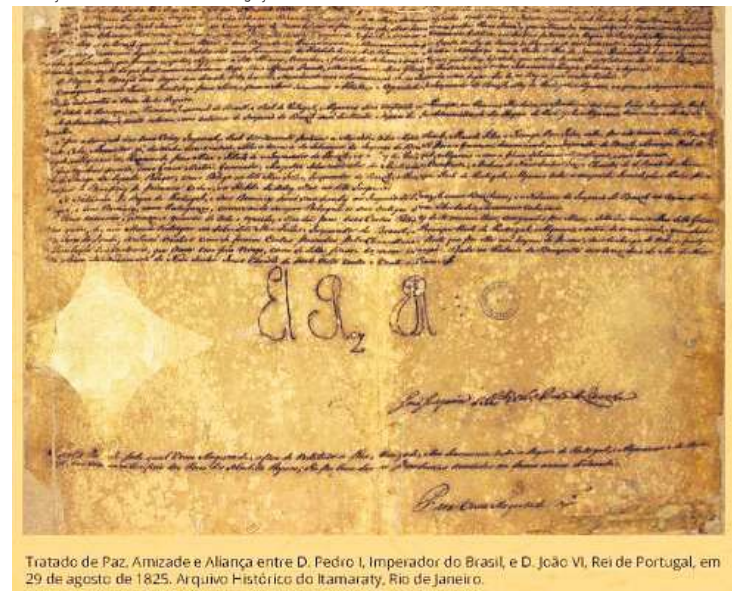
- » **Local:** Palácio do Itamaraty, na Esplanada dos Ministérios
- » **Horário:** das 9h às 18h
- » **Observação:** Visitas em grupos, como escolas, precisam fazer agendamento pelo email: exposicao200@funag.gov.br

destacando que o princípio dele é buscar um país grande entre vizinhos igualmente grandes e fortes.

Documentos raros

A embaixadora detalha que escolheu documentos raros, de valores inestimáveis, e que poucas pessoas já tiveram acesso para ilustrar a exposição. Entre eles, o mapa-múndi em que o Brasil aparece pela primeira vez, no canto superior direito,

Fundação Alexandre Gusmão/Divulgação



Declaração de Dom João VI reconhecendo a Independência do Brasil

em uma perspectiva diferente dos mapas atuais. A carta topográfica, desenhada por italiano, foi comprada pelo Itamaraty em 1912 e um dos itens inéditos recolhidos pela curadoria.

Outra relíquia retratada na exposição é a declaração do rei de Portugal Dom João VI, reconhecendo a Independência do Brasil, três anos depois do grito do Ipiranga, em 1825. O documento foi restaurado para as celebrações do bicentenário da

Independência. “Essa declaração fica no antigo palácio do Itamaraty, no Rio, e não pode ser transportada para Brasília porque é muito delicado. Seria muito arriscado transportá-lo, porque ele é mais sensível do que o coração de Dom Pedro”, explica a embaixadora, comparando com a vinda ao Brasil, diretamente de Portugal, do órgão do primeiro imperador do Brasil conservado em formol em comemoração ao bicentenário.

Construção pacífica

Os textos que estruturam a narrativa da exposição são de autoria do embaixador Gonçalo de Mello Mourão, um dos coordenadores do Grupo de Trabalho do Bicentenário da Independência (GT200) do MRE. “O país é o resultado do triunfo da diplomacia”, resume o embaixador. “O que o Brasil desfruta hoje é graças a todo esse esforço de construção pacífica das nossas fronteiras.”

Mourão reforça o princípio do Barão do Rio Branco de que a melhor maneira de garantir a segurança de um país é pela diplomacia e não com armas. “Não é comprando armas, fazendo bomba atômica. Nada disso assegura a segurança de um estado. Isso assegura o temor. Mas a segurança e a boa vizinhança é assegurada pelo que o Barão está falando”, destaca.

O embaixador também é autor de uma das obras lançadas neste ano pela Funag, na coleção do bicentenário da Fundação. O livro *A revolução de 1817 e a História do Brasil*, conta, em dois volumes, sobre o movimento pernambucano que antecedeu a Independência do Brasil, em 1822. Ele explica que levou um ano e meio para realizar as pesquisas e escrever a obra. No segundo volume, estão os documentos diplomáticos para a revolução que, apesar do fracasso, foi fundamental para criar o movimento para o país deixar de ser uma colônia portuguesa. A coleção tem 27 obras publicadas, das quais 20 no formato impresso. Mas todos os volumes podem ser baixados gratuitamente na biblioteca virtual da Funag.

“Estamos em um processo de reedição de obras que tinham edições esgotadas e que eram encontradas apenas em sebos”, ressalta a presidente da entidade. A Funag, segundo Márcia Loureiro, possui cerca de 900 títulos publicados desde a fundação, em 1971. Para baixar, acesse www.gov.br/funag. Amanhã, os painéis serão apresentados para convidados e autoridades dos países de língua portuguesa — Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste — durante um coquetel fechado na sede da chancelaria.